

APONTAMENTOS DE UMA NOVA HISTÓRIA DA MORAL

na genealogia de Nietzsche

VAGNER ACÁCIO DE OLIVEIRA - Graduando no curso de Filosofia da UFMG e Bolsista
PET (MEC/SESU).
vagneracacio@gmail.com

Resumo: O presente artigo aborda a posição de Nietzsche em relação às investigações morais dos genealogistas ingleses, caracterizadas por uma insuficiência de conhecimento histórico, por tomarem os valores morais de sua época como absolutos, conforme o sentido que adquiriram com a revolta escrava na moral e os colocarem no começo, na origem. Resultando que, para eles, a origem do termo “bom”, a bondade moral, está nas ações, na utilidade, no altruísmo. O objetivo deste artigo é apresentar a investigação adotada por Nietzsche, sua ênfase de que a “origem” do termo “bom” não se encontra nas ações altruístas, nem nas ações por si mesmas, mas, sim, no nobre, e que o termo “bom”, tal como o tomaram os genealogista ingleses, somente veio a ser com a revolta escrava na moral. Para tanto, o presente artigo expõe os empreendimentos etimológicos, históricos e psicológicos adotados por Nietzsche que dão consistência à sua posição.

Palavras-chave: História, Moral, Genealogia.

Abstract: The present article embraces Nietzsche’s position in regard the moral investigations of the english genealogists, characterized by an insufficiency of historical knowledge, by taking the moral values of their time as absolutes, due to the sense acquired with the slave rebellion in moral which put them at the beginning, in the origin. Resulting that, for them, the origin of the term “good”, the moral goodness, is in actions, in utility, in altruism. The aim of this article is to introduce the investigation adopted by Nietzsche, his emphasis in the fact that the “origin” of the term “good” is not found in altruistic actions, neither in actions by themselves, but in the noble, and that the term “good”, like the english genealogists conceived it, just became to be with the slave rebellion in moral. Therefore, the present article presents the etimological, historical and psychological undertakings adopted by Nietzsche which give consistency to his position.

Keywords: History, Moral, Genealogy

Na obra *Genealogia da moral*, Nietzsche procura demarcar sua distinção no campo das investigações morais, tomando como principal alvo na primeira dissertação o projeto dos genealogistas ingleses que, segundo o filósofo, são responsáveis pelas únicas tentativas de reconstituir a gênese da moral¹. No entanto, a posição destes genealogistas recai no mesmo erro que até então havia caracterizado o pensamento e as investigações acerca destas questões, a saber: “tomava-se o valor desses valores como dado, efetivo, como além de qualquer questionamento”², e usava-os como fundamento para suas construções filosóficas e científicas, sem fazê-los nenhuma crítica, mas, pelo contrário, procurando fundamentá-los, protegê-los, de modo que “até hoje não houve dúvida ou hesitação em atribuir ao ‘bom’ valor mais elevado que ao ‘mau’”³.

Desta maneira típica de proceder, resulta os ingleses colocarem no princípio de suas investigações, como fundamento e algo a ser fundamentado, justamente as ações “não egoístas”, altruístas, que para o filósofo somente surgem no cenário moral com o declínio dos juízos de valor aristocrático, a partir do qual a oposição “egoísta” e “não egoísta” se impõe cada vez mais à consciência humana :

E mesmo então demora muito, até que esse instinto se torne senhor de maneira tal que a valoração moral fique presa e imobilizada nessa oposição (como ocorre, por exemplo, na Europa de hoje: nela o preconceito que vê equivalência entre “moral” “não egoísta” e “desinteresse” já predomina com a violência de uma “idéia fixa” ou doença do cérebro)⁴.

Para o filósofo, esta atitude inglesa decorre do fato de “carecerem” de conhecimentos históricos, de pensarem de maneira essencialmente a-histórica⁵o que não os permite realizar uma história da moral, pois, conforme Nietzsche, esta procedência tem como consequência a não inserção dos valores na história, pelo contrário, os isenta, pois ao tomar os valores atuais e introduzi-los numa longa história da qual perseveram, perpassam o tempo sem sofrer sua ação, na realidade não os introduz na história, mas os isenta da ação da história e do tempo.

Para Nietzsche, uma história da moral deve levar em consideração a dinamicidade dos valores, “alguma educação histórica e filológica, juntamente com um inato senso seletivo em questões psicológicas”⁶; diferenciação entre épocas, povos e hierarquia dos indivíduos. Assim, para Nietzsche, o projeto dos genealogistas ingleses é descaracterizado como uma genealogia logo no começo, quando pretendem buscar a origem do conceito “bom” naquilo que primeiramente foi útil e nas ações altruístas; Sustentando que estas foram consideradas boas devido a sua *utilidade* e que com o tempo foi *esquecida*

1 NIETZSCHE, 1998, p. 17.

2 NIETZSCHE, 1998, p. 12.

3 NIETZSCHE, 1998, p. 12.

4 NIETZSCHE, 1998, p. 19.

5 NIETZSCHE, 1998, p. 18.

6 NIETZSCHE, 1998, p. 9.

a origem desta promoção, sendo, pelo *hábito*, tomadas como boas em si mesmas.

Todo o respeito, portanto, aos bons espíritos que acaso habitem esses historiadores da moral! Mas infelizmente é certo que lhes falta o próprio espírito histórico, que foram abandonados precisamente pelos bons espíritos da história! Todos eles pensam como é velho costume entre filósofos, de maneira essencialmente a-histórica; quanto a isto não há dúvida. O caráter tosco de sua genealogia da moral se evidencia já no início, quando se trata de investigar a origem do conceito e do juízo “bom”. “Originalmente”- assim eles decretam – “as ações não egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles ao quais eram feitas, aqueles aos quais eram úteis: mais tarde foi esquecida essa origem do louvor, e as ações não egoístas, pelo simples fato de terem sido costumeiramente tidas como boas, foram também sentidas como boa – como se em si fossem algo bom”. Logo se percebe: esta primeira dedução já contém todos os traços típicos da idiosincrasia dos psicólogos ingleses – temos aí “a utilidade”, “o esquecimento”, “o hábito” e por fim “o erro”⁷.

A reprovação deste empreendimento diz respeito ao fato de colocarem os valores de sua época, de uma determinada configuração histórica, no começo, na origem, o que revela uma confusão com dois problemas distintos: o da finalidade e o da origem, acarretando uma insustentabilidade histórica, uma determinação teleológica, pois:

Deslocando a utilidade atual de uma ação para a origem da mesma, estão pensando sua finalidade atual como uma causa já estabelecida desde a origem. Algo que, como uma “essência”, desde sua origem, passa pelo esquecimento, pelo hábito, perpassando o tempo sem sofrer sua ação, desenvolvendo-se linearmente na história para uma perfeição cada vez maior, como um trabalho obscuro de algo pré-estabelecido que procura vir à luz desde o primeiro momento. Eles continuam, assim, presos a um sistema de finalidades, e é por isso que não se livram da camisa de força da metafísica; pelo contrário, são seus sucessores mais modernos (...) dessa vez oculta sob a forma nova de cientificidade⁸

No entanto, para Nietzsche, a verdadeira “origem” da bondade moral deve ser localizada antes da emergência dos valores altruístas, em conceitos aristocráticos e hierárquicos de “bom” e “ruim”, que em sua origem denotavam uma gradação de superioridade e inferioridade, nobreza e povo, senhor e servo, uma vez que as avaliações morais eram originalmente território de posição aristocrática; resultando que, inicialmente, o que foi considerado “bom” na cultura humana não era nem atos abnegados nem sua utilidade, mas sim um nobre “*pathos* de distância” de tipos baixos e comum da sociedade, não se relacionando, em sua origem, com “cálculos de prudência ou utilidade”. Assim, diz Nietzsche:

7 NIETZSCHE, 1998, p. 18.

8 PASCHOAL, 1999, p. 26-27.

Para mim é claro antes de tudo, que essa teoria busca e estabelece a fonte do conceito “bom” no lugar errado: o juízo “bom” não provém daqueles aos quais se fez o “bem”! Foram os “bons” mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, e vulgar e plebeu. Desse *pathos* da distância é que eles tomaram para si o direito de criar valores: que lhes importava a utilidade! Esse ponto de vista da utilidade é o mais estranho e inadequado, em vista de tal ardente manancial de juízos de valor supremos, estabelecedores e definidores de hierarquias: aí o sentimento alcançou bem o oposto daquele baixo grau de calor que toda prudência calculadora, todo cálculo de utilidade pressupõe – e não por uma vez, não por uma hora de exceção, mas permanentemente. O *pathos* da nobreza e da distância, como já disse, o duradouro, dominante sentimento global de uma estirpe senhorial, em relação com uma estirpe baixa, com um “sob” – eis a origem da oposição “bom” e “ruim”. (...) já em princípio a palavra “bom” não é ligada necessariamente a ações “egoístas” e “não egoístas”, como quer a superstição daqueles genealogistas da moral⁹.

A indicação deste caminho, conforme Nietzsche é proveniente de uma investigação etimológica acerca das designações cunhadas ao termo “bom” pelas diversas línguas e culturas antigas, em sua origem, quer dizer, seus primeiros aparecimentos na história, e as transformações que sofreram ao longo desse processo. Para isto, lança mão de documentos históricos, assim como das mitologias antigas; procurando, deste modo, afastar-se da procedência dos genealogistas ingleses que, segundo o filósofo, perdem-se no azul com suas especulações: “pois é óbvio que outra cor deve ser mais importante para uma genealogista da moral: o cinza, isto é, a coisa documentada, o efetivamente constatável, o realmente havido, numa palavra, a longa, quase indecifrável escrita hieroglífica do passado moral humano!”¹⁰

Empreendendo-se numa investigação etimológica, Nietzsche constata que pelas diversas línguas o termo “bom” significava o nobre, o poderoso, o aristocrata, o guerreiro: conjuntamente com suas ações, que eram entendidas como uma extensão deles mesmos e não em conseqüência de uma utilidade ou avaliação destas por uma instância externa ou em consideração das próprias ações; em contraste com o “ruim”, o plebeu, o comum, baixo.

Descobri então que todas elas remetem à mesma transformação conceitual – que, em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente bem nascido”, “espiritualmente privilegiado”: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz o “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar-se finalmente

9 NIETZSCHE, 1998, p. 19.

10 NIETZSCHE, 1998, p. 13.

em “ruim”¹¹.

Para o filósofo, o melhor exemplo é o termo alemão *Schlecht* (ruim) que originalmente designava o homem simples, comum¹², em contraste com as qualidades nobres. Da mesma forma a palavra grega *agathos* (bom), originalmente significava bem nascido, rico, valente e capaz, em contraste com a palavra *kakos* (ruim) que designava o fraco, feio, covarde, sem valor, plebeu. Consultando o latim, notifica-se de que o termo *bonus* (bom) designa o homem da disputa, o guerreiro. Assim, o filósofo enfatiza que nestas palavras antigas, evidenciava-se com frequência a nuance de que os nobres se sentiam homens de categoria superior:

Não deixemos de notar a quase benévola nuance que a aristocracia grega, por exemplo, põe em todas as palavras com que distingue de si o povo baixo; como nelas continuamente se mescla, açucarando-as, uma espécie de lamento, consideração, indulgência, ao ponto de quase todas as palavras que aludem ao homem comum terem enfim permanecido como expressões para “infeliz”, “lamentável” (...) [temeroso, infeliz, sofredor, mísero], as duas últimas caracterizando-o verdadeiramente como escravo do trabalho e besta de carga) – como, por outro lado, “ruim”, “baixo”, “infeliz”, nunca deixaram de soar aos ouvidos gregos em um tom, com um timbre no qual “infeliz” predomina: isto como herança do antigo e mais nobre modo de valoração aristocrático¹³.

No entanto, esta noção de “bom” que designa a nobreza e o termo “ruim” que significa a plebe, não suas ações, mas a posição a qual estas duas classes assumem numa sociedade, não provém de algo transcendental, mas da própria nobreza: é a marca característica do modo de valoração aristocrático, que reconhece a si mesmo como “bom”, elevado, superior, feliz; num triunfante sim a si mesmo e à sua condição, como os “poderosos”, “os senhores”, “os comandantes”, “os ricos”, “os possuidores”¹⁴; entendendo por “ruim”, “baixo”, “vulgar”, “comum” todos aqueles que não participam desta condição, apenas como uma imagem de contraste, para dizer sim a si mesmo com maior vigor e intensidade, e de modo algum como algo a que se deva travar guerra, como maligno, algo que deve ser combatido.

Este último sentido somente veio a ser quando os termos morais passaram a ser entendido como opostos binários “bom e mau”, equivalendo à “bem e mal”. Neste primeiro momento, não existe uma oposição binária dos valores, como contrários, segundo a concepção de que o “bem deve combater o mal”. Esta própria noção de “bem” e “mal” ainda não existia. O que havia, era uma valoração em termos de nobreza e povo, ricos e pobres, nos moldes de distinções sociais. Também é importante ressaltar que o nobre designava o povo de baixo e vulgar, não por um ódio em relação a eles, mas por reconhecê-los como inferiores como quem vive uma vida e uma condição ruim; conservando para com

11 NIETZSCHE, 1998, p. 13.

12 NIETZSCHE, 1998, p. 21.

13 NIETZSCHE, 1998, p. 30.

14 NIETZSCHE, 1998, p. 22.

eles um desprezo, um “*pathos* de distância”. Esta então é uma “moral nobre”, a que caracterizou toda a antiguidade, cuja medida de valor era a própria nobreza.

Para o filósofo, esta noção de que a moral se fundamenta em ações altruístas, que é a posição dos genealogistas ingleses, somente surgiu com o declínio do modo de valoração aristocrático, e que isto decorre do surgimento de uma “moral escrava” e sua rebelião contra a moral nobre, quer dizer, a revolta do povo contra a nobreza; sustentando que estes valores são reações históricas contra o “bom” da moral nobre. A “moral escrava” é resultado de um ódio do povo, dos oprimidos, escravizados, para com os valores nobres, realizada pelos judeus, “aquele povo possuído de gênio moral-popular absolutamente sem igual”¹⁵. A rebelião decorre de uma inversão dos valores aristocráticos, agora sobe a perspectiva do povo, dos sem poder, que redefinem os valores morais conforme sua condição. Assim, a equação dos valores aristocráticos é invertida, e o que antes designava o “bom” da outra moral agora é condenado à danação eterna, tido por deplorável, maligno, algo a que se deve travar guerra. O que antes caracterizava o “ruim” da outra moral, nesta nova é promovido à categoria de valores supremos:

Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação dos valores aristocráticos (bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses) e com unhas e dentes (os dentes do ódio mais fundo, o ódio dos impotentes) se apegaram a esta inversão, a saber, “os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!...”¹⁶.

Por meio desta revolta houve uma transmutação dos termos que designam os juízos de valores morais, agora sob a forma “bem” e “mal”, caracterizada pelos mesmos pressupostos das investigações inglesas, a saber, a oposição entre “ações egoístas” e “não egoístas”: os preceitos altruístas, que representam os valores morais de uma determinada configuração histórica. A rebelião foi vitoriosa e deste então disseminada por todo o ocidente. Para Nietzsche, o evento histórico mais importante para uma visualização do embate entre estas duas morais é o confronto entre Roma e Judéia:

O dístico dessa luta, escrito em caracteres legíveis através de toda a história humana, é, “Roma contra Judéia, Judéia contra Roma”: - não houve, até agora, acontecimento maior do que essa luta, essa questão, essa oposição moral. Roma enxergou no judeu algo como a própria antinatureza, como que seu monstro antípoda; em Roma os judeus eram tidos por “culpados de ódio a todo o gênero humano”¹⁷.

15 NIETZSCHE, 1998, p. 44.

16 NIETZSCHE, 1998, p. 26.

17 NIETZSCHE, 1998, p. 43.

Para Nietzsche, então, os valores reivindicados pelos genealogistas ingleses como aqueles que estavam no começo da designação “bom”, e que, portanto, eram o ponto a partir de onde se começa, considera os juízos morais, na verdade refere-se apenas a uma determinada configuração histórica, a que se consolidou com a vitória dos judeus sobre Roma, disseminando-se por todo ocidente como o modo de valorar em si. E os modernos, toda a posteridade, são herdeiros “daquela rebelião que tem atrás de si dois mil anos de história, e que hoje perdemos de vista, porque – foi vitoriosa¹⁸”. Dessa forma, o filósofo alerta que “tudo o que é longo é difícil de ver, ver inteiramente”¹⁹ e que é um célebre hábito entre filósofos e historiadores da moral a tarefa de abreviação: “abreviar tudo o que é longo,” ‘o tempo’ mesmo e subjugar o passado inteiro”²⁰, não percebendo que um termo, como, por exemplo o “bom”, oculta atrás de si uma longa história, não se reduzindo a configuração que tomou com a transvaloração judaica.

Por fim, este levantamento histórico e filológico feito por Nietzsche pretende dar uma direção melhor para um olhar tão agudo e imparcial que caracterizou a investigação inglesa, a direção da efetiva história da moral²¹, sugerindo um olhar ao contexto histórico a partir do qual determinados valores morais surgiram. Não pretendendo, com o que foi dito, estar de posse da verdade, revelar a realidade última das questões morais no âmbito da história, “mas sim, com convém a um espírito positivo, para substituir o menos provável pelo mais provável, e conseqüentemente um erro por outro”²². Em última análise, não se deve pensar que Nietzsche, com esta abordagem, pretende deixar os valores a mercê de um relativismo, muito pelo contrário, o filósofo aposta nas valorações morais como forma de promover um tipo de homem superior, e livrar a humanidade do Niilismo, porém, isto no contexto da análise que tem por base a vontade de poder, o que não é o caso do presente trabalho.

REFERÊNCIAS

HATAB, Lawrence, J. *A genealogia da moral de Nietzsche: uma introdução*. Trad. Nancy Juozapavicius. São Paulo: Madras, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PASCHOAL, Antônio Edmilson. *A Dinâmica da vontade de poder como proposição moral nos escritos de Nietzsche*. São Paulo: Campinas, 1999.

18 NIETZSCHE, 1998, p. 26.

19 NIETZSCHE, 1998, p. 26.

20 NIETZSCHE, 2005, p. 105.

21 NIETZSCHE, 1998, p. 13.

22 NIETZSCHE, 1998, p. 10.